

AS RESIGNIFICAÇÕES DO MAL DURANTE A EVOLUÇÃO **DO ESPÍRITO**

Escrito por:

Paulo Henrique Nogueira Lima

(Diacono da ICEU)

AS RESIGNIFICAÇÕES DO MAL DURANTE A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO

Interessantíssimo observar como as fases mais primitivas do espírito se assemelham e muito com a nossa própria infância, no que diz respeito a compreensão e as idéias sobre o mal. Os primeiros seres humanos que habitaram a terra durante a idade da pedra acreditavam que o mal habitava a noite e os lugares escuros. A escuridão era o próprio mal. E tudo aquilo que estava encoberto por ela guardava um perigo iminente e desconhecido. Impossível não vir a nossa mente a imagem da própria criança em seus primeiros anos de vida que teme desesperadamente o escuro. Com um esforço da memória podemos até mesmo tentar nos lembrar qual era essa sensação de temer ficar no escuro. Era uma sensação apavorante justamente porque não dava se quer para imaginar o que poderia ter em lugar completamente escuro como esses. O medo se tornava insuportável exatamente pelo fato de que poderia haver qualquer coisa lá, mas não dava pra saber o que era.

Durante sua evolução o espírito passará então a compreender que não é necessário temer tudo aquilo que ele desconhece. Essa mudança pode ser percebida no exato momento em que deixa de associar a escuridão à maldade e centraliza a figura do mal em uma única entidade responsável por todas as iniquidades existentes no mundo. São exemplos dessas entidades o próprio diabo, a serpente que tentou adão e Eva, e o Deus egípcio Seth responsável pelas guerras e flagelos no mundo e irmão sombra de Osíris, o juiz dos Deuses gregos, além de outros inúmeros representantes dessa personificação suprema das perversões humanas. Essa nova fase representa um marco importantíssimo no progresso espiritual pois a partir dela nós compreendemos que os perigos malignos da vida não estão em tudo o que desconhecemos, mas em apenas alguns lugares e situações específicas. Por mais que esse avanço em compreensão tenha trazido um aumento em nosso livre arbítrio é importante perceber que essas novas idéias ainda eram primitivas, inocentes e até mesmo infantis. Nossa imaginação ainda arcaica nos fazia acreditar em seres monstruosos, dotados de um poder quase divino, que nada, ou quase nada se assemelhavam a uma figura humana. Nossas fases de desenvolvimento espiritual de encarnação após encarnação se assemelham e muito com as

próprias fases de desenvolvimento da infância. E é por isso que, mais uma vez, esse momento em que deixamos de acreditar que o mal está na escuridão para acreditar em uma criatura responsável pela perniciosidade da vida se párea ao momento em que, quando crianças, deixamos de temer o escuro e passamos a acreditar em bixos-papões. Podemos até especular que a crença nesses “deuses malignos” é a própria incapacidade de conceber que o mal é fruto do próprio ser humano.

Como estamos vendo, o espírito vai com o tempo elaborando melhor o seu entendimento sobre o mal e assimilando cada vez mais características sobre ele. Com o desenvolvimento cultural, religioso e pessoal nós adquirimos a compreensão de duas novas características sobre o mal que serão germens para um valioso conhecimento sobre nós mesmos. Essas duas características são bem ilustradas no conhecido mito grego de Pandora em que alguns deuses haviam guardado todas as desgraças e flagelos do mundo em uma caixa e uma mortal chamada Pandora, tomada pela curiosidade e velada pela inocência abre a caixa e deixa todo o mal sair dela e tomar conta do mundo dos mortais. As duas características que descobrimos então sobre o mal é, primeiro que ele é extremamente tentador e provoca em muito a nossa curiosidade e a segunda é a de que sucumbir a essa tentação

pode nos trazer graves conseqüências. Para os espíritos mais primitivos, essas conseqüências eram vistas como uma punição ou castigo de Deus ou por termos nos deixado levar por nossa curiosidade. Essa mesma analogia é encontrada no mito de Adão e Eva e a tentação da cobra, mito este que foi escrito por Moisés a 3.500 anos atrás para espíritos ainda iniciantes na compreensão das relações entre bem e mal.

Amadurecendo, o espírito se torna forte o bastante para aceitar que o maior mal está na verdade dentro dele e é ele quem o produz. Podemos perceber isso por meio da nossa atual cultura ocidental que começou a representar a figura do Diabo em formas cada vez mais humanas em filmes e em outras representações.

Para as culturas mais antigas o campo da moral se restringia apenas a vida pública, os seus atos podiam ser ou não condenáveis e julgáveis apenas se esses se expressassem exteriormente e afetassem física ou moralmente a vida de terceiros, porém, em um determinado momento da história a moral e a ética passaram a medir também o campo da vida privada. Ou seja, os seus pensamentos, sentimentos e vida íntima no geral também se tornaram passíveis de julgamento. Um

clássico exemplo disso é a lei mosaica, que traz a clara proibição “não cobiçais a mulher do próximo”. Desse momento em diante passamos a responder não apenas pelo que pertence a vida pública e é observável por todos, desse momento em diante passamos a ser condenados também pelo que é “invisível aos olhos”.

Essas transformações trouxeram conseqüências gravíssimas e extremamente profundas na formação do espírito, mas que ao mesmo tempo são fundamentais para o progresso do mesmo. A partir de agora, no momento da constituição do ego (a consciência que temos de nós mesmos), que se dará nos primeiros anos de vida, o indivíduo perceberá que nem todas as suas características são bem aceitas pela sociedade. Ele se dará conta de que tem sentimentos que o meio externo chama de perversos, pensamentos que são considerados “impuros e levianos”, impulsos internos como raiva, inveja, orgulho e cobiça que são severamente condenáveis por todos à sua volta. Algumas dessas suas características internas são tão reprováveis que a simples idéia da criança de possuir alguma delas ou que alguém descubra que ela às tem lhe causa um pavor tamanho que um dos processos naturais para a formação do ego é justamente esconder em seu inconsciente algumas dessas nossas

características. Essa repressão de uma parte da nossa personalidade é indispensável para a vida em sociedade e sem ela viveríamos como animais. Ser aceito pelo mundo externo é um processo extremamente complicado e até mesmo penoso que todas as crianças vivenciam. É o processo de conciliar a nossa realidade interna dentro de todas as exigências externas. Resumidamente, todo ser humano possui em si características danosas, agressivas, vulgares e perniciosas que em algum momento da nossa história tivemos que esconder das nossas vistas de maneira que hoje as desconhecemos e não as aceitamos em nós mesmos. Características essas que só existem agora dentro do nosso inconsciente e que a maioria das pessoas passa a vida inteira sem as conhecer.

Incrível pensar como nossas expressões mitológicas e religiosas são, na verdade, um mundo repleto de informações sobre nossa vida íntima. Um exemplo majestoso disso é configuração física que fazem de Lúcifer, o anjo caído. Quem já se deu conta de que ele é, na maioria das vezes, retratado como uma figura humana com asas de morcego? E então se perguntou “porque um morcego?” Toda representação mitológica carrega em sua alegoria um cabedal filosófico e poético sobre a nossa própria vida íntima. E a alegoria do diabo não é diferente. Qual figura

mais simbólica poderia trazer em si significados melhores para a figura do anjo das trevas se não o próprio morcego? O animal que se esconde da luminosidade do dia e faz os seus rasantes durante a noite, enquanto a vigília e a razão de todos está em sono profundo e mergulhados no inconsciente. Isso faz do morcego o grande representante do inconsciente, o lugar onde se esconde a nossa parte má da personalidade e que ainda a desconhecemos.

Pelo medo de sermos incompreendidos, condenados e até odiados pelo mundo externo, jogados na fogueira por nossas características pessoais, escondemos desesperadamente de nós mesmo tudo aquilo que nos ameaça. Escondemos tanto, por tanto tempo e tão profundamente que um dia esquecemos que temos essas “outras características”. Num ato de medo criamos uma personalidade reprimida dentro de nós mesmos. Interessante pensar que fazemos isso justamente pelo medo de não sermos amados. O problema é que essa personalidade escondida em sombras dentro do nosso ser continua latente, inquieta e esperando por momentos em que possa agir. O fato de essas nossas características estarem em nosso inconsciente não significa que elas não interfiram em nossas vidas. Pelo contrário, elas talvez interfiram muito mais e de maneira muito mais intensa justamente porque longe da nossa supervisão elas acabam tendo

um poder de destruição ainda maior e o que é pior, nós não aceitaremos isso porque um dia em nossas vidas nós fomos obrigados a acreditar que nós não temos esses defeitos.

A pergunta que se faz necessário agora então é “como eu posso conhecer as minhas características más que foram reprimidas e que ainda afetam minha vida?” Para respondê-las vamos imaginar a seguinte situação, grupos como neo-nazistas e skinheads são assumidos perseguidores dos homossexuais. Milhares de casos são relatados todos os dias de homossexuais que são espancados até a morte. Não é incompreensível alguém considerar o comportamento homossexual tão insuportável que deve ser eliminado de suas vistas? Por que motivo um comportamento seria tão insuportável para alguém? Não seria justamente porque o que é insuportável é o próprio agressor imaginar que ele pode ter desejos homossexuais? Tudo aquilo que não suportamos no outro, que não aceitamos e que causam intensa indignação em nós são fortes pistas daquilo que um dia já não aceitamos ter dentro de nós mesmos.

Então, vemos que é mais do que óbvio a necessidade de conhecermos esse “lado escuro da lua”. Mas antes seguirmos é importantíssimo, se não crucial, alertarmos para um perigo

adjacente que nos aguarda nessa expedição rumo ao desconhecido. Não é a toa que, desde as primeiras culturas que se permitiram metaforizar as expressões do mal, o risco de conseqüências fatais já era esboçado. O que os antigos não sabiam ou não deixavam claro é que a mais perigosa das mortes é a das forças e esperanças do espírito. E esse é um dos maiores riscos que sofre aquele que se aventura nesses novos conhecimentos sobre si mesmo. Conhecer a porção da maldade que nós escondemos do nosso ego é se arriscar a experimentar um sentimento de culpa quase que mortificante. Quantos são os espíritos que nesse exato momento agonizam pelo vislumbre do quão mal podem ser e se afogam nas próprias mágoas incapazes de se agarrar no perdão próprio ou de acreditarem que há esperança de um dia se livrarem dessas sombras. Nesse momento o ser é literalmente engolido por suas sombras interiores, ele se identifica com elas e acredita ser a criatura mais horrenda que pisa sobre a terra e que, portanto, não é minimamente merecedora do perdão de Deus nem de ninguém, muito menos de si mesma. Se conhecer por completo não é atitude para qualquer espírito. Por isso as sagradas leis de Deus escolhem o momento certo de cada um viver essa experiência. Não é a toa que até aqui falamos de toda essa mudança que nossas idéias a

respeito do mal sofreram. Compreender que na verdade essa mal só existe dentro de você exigiu uma caminhada espiritual de milhares e milhares de anos.

O caráter danoso, porém, da nossa sombra não se restringe apenas a nós, mas também seu poder afeta diretamente outras pessoas:

A sombra é o desconhecido. “É a experiência arquetípica do “outro”, aquele que, por ser-nos estranho é sempre suspeito. A sombra é o impulso arquetípico de buscar o bode expiatório, de buscar alguém para censurar e atacar a fim de nos vingarmos e nos justificarmos. Ela é a experiência arquetípica do inimigo, a experiência da culpabilidade que sempre recai sobre o outro, pois estamos sob a ilusão de que conhecemos a nós mesmos e já trabalhamos adequadamente nossos próprios problemas”

Se ainda não estão suficientemente convencidos da necessidade real de conhecermos e lidarmos com nossa sombra pessoal e da dimensão das conseqüências de a negligenciarmos voltemos um

minuto nossas atenções para casos históricos de perseguições a grupos considerados inimigos. Nazismo, guerras santas, perseguições históricas aos “impuros” e perigosos demonstram o poder de destruição que é criado pela simples idéia de que o mal está no outro, não em mim mesmo. Esses são claros exemplos de que o conhecimento por si só não liberta ninguém, a geração que apoio Hitler nas idéias nazistas era considerada uma das mais cultas. Vemos com isso que o verdadeiro conhecimento de si mesmo e da verdade é o que realmente é capaz de nos libertar.

O que se propõe então aqui é a reflexão de que o ser para considerar-se integro precisa ter a força de aceitar nele aquilo que antes não aceitava. Aceitar que ele não só possui características que são consideradas “inaceitáveis” pela sociedade como não tem o controle sobre elas. A questão do controle é importantíssima pois é preciso uma humildade tremenda para permitir a idéia de que eu não sou senhor de mim. O apóstolo Paulo falou com muita propriedade sobre o assunto quando disse “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse eu faço”. Em outras palavras, a bondade absoluta não está ainda em nosso alcance, mas no meio do caminho, mais do que uma pedra, existe nossa integridade, ou seja, a coragem de aceitarmos nossas

sombras e nossas luzes. Muito bem ressaltou o médico e psicólogo Jung ao dizer “Prefiro ser íntegro do que ser bom”.

O espírito que conhece sua sombra, sabe aquilo que a provoca, as situações que a deixam fora de controle e portanto está previamente preparado para reagir de maneira a controlar os seus estragos e dar vazão a ela nos locais e momentos mais propícios. Ou então, se não for possível controlá-la ele já estará pronto para pelo menos amenizar o máximo possível os seus efeitos ou, no mínimo, se desculpar quando não conseguir evitá-la.

É um engano muito grande do Cristão acreditar que Deus não aceita a existência de sombras dentro de nós ou que se deva escondê-la até mesmo Dele. Não é dito nos evangelhos que Ele faz cair a chuva sobre a cabeça do justo e do injusto e que faz o sol brilhar para o bom e para o mal? Ainda continuaremos a ignorar todos os sentidos poéticos existentes em cada verso do livro sagrado? O que é a chuva se não o tempo feio mas que porém hidrata e fertiliza a terra? Por acaso a chuva não é também necessária em nossas vidas para que se frutifique?

E o que dizer ainda sobre o mito da criação de Adão e Eva se não da sublime alegoria do momento em que se irrompe as idéias sobre o bem e mal e com elas ganha o homem o livre arbítrio? Mas então terá quem questione “mas Deus não alertou que quem comece do fruto proibido conheceria a morte?”. Ora, mas que outra forma de ganhar a vida eterna se não passando pela morte e a vencendo? Conhecer a morte sempre foi uma necessidade na vida do espírito. A morte, assim como qualquer outro fenômeno da Bíblia sempre poderá ser interpretada pelo seu sentido simbólico ampliando assim as possibilidades de significações. A morte também está atrelada a transformação. Para nos transformarmos em seres novos o nosso antigo “eu” também deve morrer. Não foi dito por Jesus que aquele que não nascesse de novo não poderia conhecer o reino dos céus? Mas que outra forma de nascer de novo se antes não morrermos? Morte e vida carregam em si a complementaridade que traz a renovação para a vida. Mas a morte descrita no mito da gênese pode ao mesmo tempo se referir ao poder mortificante de se conhecer a personalidade má que vive adormecida dentro de nós.

Analisando ainda mais as escrituras sagradas percebemos que Deus não só permite a existência do nosso lado sombrio como também tenta nos dizer que é necessário nos relacionarmos com

ele pois tiraremos daí a evolução do nosso ser. Pelas palavras do apóstolo Mateus “Portanto sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas”. Outro célebre exemplo de como não só desconhecemos nossas más tendências como desconhecemos o que delas pode-se tirar de aprendizado é o romance “Fausto” escrito por Goethe, onde Fausto pergunta ao Diabo, “quem sóis afinal?” e este o responde “Parte daquele poder que pensa fazer o mal e acaba fazendo o bem.”

Cristo foi condenado a crucificação, a morte considerada mais vergonhosa e humilhante da época. Mas eis que o divino rabi nos ensina até em sua morte que até mesmo daquilo que consideramos vergonhoso podemos tirar a oportunidade da nossa ascensão espiritual. Assim como sua experiência nos 40 dias do deserto, que depois de todas as tentações sofridas, ele retornou iluminado e pronto para exercer seu ministério de amor e luz pão e esperança. Podemos concluir com isso que o mal carrega em seu seio um poder em potencial. Há muita energia envolvida. Mas que semelhante ao poder atômico que tanto pode ser usado para produzir uma bomba atômica quanto para produzir energia para um país. Assim como o lixo que em decomposição produz gás metano, que pode ser usado tanto como combustível como explosivo.